

## Seminário Internacional Guerreiro Ramos 2014 – O Legado de uma Dupla Cidadania Acadêmica

No dia 15 de outubro, realizou-se, na sede da Fundação Getúlio Vargas/FGV, no Rio de Janeiro, sob a coordenação do Prof. Fernando Guilherme Tenório da EBAPE/FGV, o Seminário Internacional “Guerreiro Ramos 2014 – O Legado de uma Dupla Cidadania Acadêmica”, como parte integrante das comemorações dos 70 anos da FGV.<sup>1</sup>

### Convidados

Carlos Ivan Simonsen Leal, Bianor Scelza Cavalcanti, Rui Otávio Bernardes de Andrade, Adilson de Almeida, Eric Heikkila, Fernando G. Tenório, João Marcelo Ehlert Maia, Edison Bariani Junior, Maurício Serva, Joel Rufino dos Santos, Marcos Chor Maio, Elio Chaves Flores, José Francisco Salm, Gaylord George Candler, Fernando López Parra, Américo Oscar Guichard Freire, Ariston Azevedo.

### Um Breve Relato

Alberto Guerreiro Ramos (1915 – 1982) faz parte da galeria de grandes pensadores brasileiros. Sua obra verteu-se por diversos aspectos da sociedade brasileira. “Um homem que viveu intensamente sua época”, nas palavras de Carlos Ivan Simonsen Leal na abertura do seminário, e cujas ideias influenciaram intelectuais e pensadores de todo o mundo na Sociologia e na política. Parte de sua vida acadêmica desenvolveu-se nos Estados Unidos, onde se exilou após ser cassado pelo regime militar instaurado no país em 1964.

A obra de Guerreiro Ramos trouxe-lhe admiradores e críticos. Em debates sobre o seu legado, ora é identificado como um homem de esquerda – foi perseguido e cassado em 1966 –, ora como um homem de direita. Para Carlos Ivan, nem uma coisa nem outra: Guerreiro representa a dimensão de um “nacionalismo de resultados”, que considerava as restrições existentes para o desenvolvimento do país, tema recorrente em suas pesquisas e seus pronunciamentos.

Guerreiro Ramos é herdeiro e partícipe de um intenso debate – em tela há pelo menos três séculos, desde os jesuítas e maçônicos, e outros pensadores como Feijó, Saquarema, Oliveira Viana – em que se distinguem os que acreditam ser melhor para o país guiar o desenvolvimento socioeconômico baseando-se em modelos externos, ou da interação com eles, ou pela construção de modelos próprios. Esse debate continua vivo na nossa história.

Guerreiro Ramos era, antes de tudo, um pensador com olhar crítico. Debruçava-se sobre os problemas do país em busca de soluções concretas, de transformações. No Brasil de 1950, quando Guerreiro Ramos

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395153447>

<sup>1</sup> Relato produzido por *rapporteurs*\* contratados pela FGV/DINT e editado pelos professores Ariston Azevedo (UFRGS) e Américo Freire (FGV/CPDOC).

\* Manoel Marcondes Machado Neto - Doutor em Ciências da Comunicação (USP); bacharel em Relações Públicas (UERJ); professor associado (Faculdade de Administração e Finanças - UERJ); diretor-presidente (Observatório da Comunicação Institucional).

\* Marcelo Luiz Ficher - Mestre em Educação (UFF); bacharel em Relações Públicas (UERJ); professor do curso de Pós-graduação em Administração de Marketing e Comunicação (UVA); diretor executivo (Observatório da Comunicação Institucional).

completava 35 anos, a maior parte da população era analfabeta, e, apesar de o país possuir recursos naturais abundantes, sofria com a escassez de capital e um Estado fraco.

Hoje ainda se pode dizer que o Brasil é um país “atrasado” em aspectos como tecnologia, transportes, mas, em comparação com a época em que ele viveu, há muitas diferenças. Ramos entendeu a necessidade de promover o desenvolvimento econômico em interação com desenvolvimento social, algo que se constata no estudo de seu pensamento. Sem dúvida, Guerreiro Ramos anteviu muitas das riquezas e fragilidades que ainda hoje nos influenciam: educação, cultura, profissionalização.

Até ser exilado, Guerreiro Ramos produziu suas pesquisas aqui no Brasil, num período peculiar da nossa história, a década de 1950: o Brasil lutou na 2ª Guerra Mundial, foi aliado, saiu superavitário. Esse é o período do plano “Salte no Escuro” (Governo Dutra), em que houve grandes secas na Bahia, os problemas pareciam insolúveis. Em outro momento da sua vida, em 1960, entra para a vida partidária filiando-se ao PTB, elege-se deputado federal, e até ser cassado ajuda a estruturar no partido uma visão de futuro, o que veremos adiante.

---

### Polêmicas e Contradições

Numa obra tão vasta e diversa, a ponto de suscitar vivas discussões ainda hoje, Guerreiro Ramos poderia ser rotulado de diversas formas, inclusive antagônicas. Em 1964, tido como de esquerda e, portanto, adversário do regime militar, é cassado pelo Regime Militar. Ainda assim, no auge da Guerra Fria, toma um destino inesperado: transfere-se para os EUA, onde provavelmente não era visto dessa forma, indo lecionar na University of Southern California (USC). Viveu até o fim de sua vida nos EUA, esquecido por aqui, exceto por círculos especializados. Porém, hoje sabemos, por meio de estudiosos e pesquisadores norte-americanos, que influenciou fortemente a área de administração naquele país e colecionou grandes admiradores de sua obra. Um deles esteve presente ao seminário que lhe rende homenagens: Eric Heikkila, Diretor de Iniciativas da USC. Heikkila conviveu com Guerreiro Ramos e se declarou um “velho amigo” seu, o que se estenderia também ao relacionamento entre a FGV e a USC: “Ele aprovaria o que estamos fazendo aqui hoje. Obrigado por poder fazer parte deste legado compartilhado”, afirmou em sua participação no Seminário, reforçando a ideia de “dupla cidadania acadêmica” de Guerreiro Ramos.

Muito além de uma homenagem prestada pela Fundação Getúlio Vargas, o Seminário teve como objetivo não o de resgatar sua pessoa, mas sim o conjunto de suas ideias e reinterpretá-lo à luz do momento em que vivemos – mas nem isso é pacífico. Para alguns, muito do que ele defendia continua válido: o Brasil precisa de um projeto de nação mais sofisticado, e de um debate mais profundo entre Sociologia, Economia, Ciências Políticas e Antropologia. Para outros, algumas das propostas de Guerreiro Ramos já não são novidade, foram incorporadas ao universo das pesquisas, “um lugar comum”, de modo que não há originalidade em recuperar seu pensamento hoje em dia, e outras seriam datadas, úteis à sua época, mas superadas pela passagem do tempo.

---

### Os Problemas do Brasil

O Brasil, frase que se repete com frequência, é um país continental, de grandes distâncias, com problemas específicos. Precisa aprender com o resto do mundo e usar o que lhe aprouver. Afora posições extremadas, de recusa ou absorção completa da experiência internacional, esse debate começa com José Bonifácio, e prossegue com Visconde do Uruguai, Visconde do Rio Branco, Oliveira Viana, Getúlio Vargas – terá, ainda, continuidade por muito e muito tempo. A diferença parece residir em como e em que medida aproveitar as experiências de outros países e reinventá-las à luz de nossas necessidades e idiossincrasias, como país latino-americano, com a herança de nossa colonização, os momentos fundantes de nossa história. Um dos objetivos

deste Seminário é resgatar a contribuição possível de seu legado para transformar o Brasil presente, notadamente no foco da própria FGV: a efetividade das políticas públicas no Brasil. E, também, conforme Biano Cavalcanti, “reunindo pesquisadores numa perspectiva internacional, com foco no planejamento, na visão de longo prazo”. O combo de aniversário dos 70 anos de FGV reuniu naquela semana o encontro do Grupo Latino-Americano de Administração Pública, o Seminário “Guerreiro Ramos 2014” e o encontro dos *think tanks* mais importantes da América Latina. Não seria arriscado dizer que essa programação, com a inserção do tema da Governança Internacional, estaria bem ao gosto do pensador brasileiro. Afinal, um dos temas prediletos de Guerreiro Ramos era a produção intelectual nos países periféricos, em particular na América Latina, onde construiu boa parte de sua obra.

A riqueza do trabalho de Alberto Guerreiro Ramos permitiu-lhe ir além das fronteiras da própria América Latina, como já dissemos, tornando ainda mais interessante sua trajetória. Recuperar seu pensamento, entender como pode nos ajudar a encontrar soluções para os novos desafios, numa perspectiva atual, revisitada, são inspiração para o desenvolvimento da Cátedra Guerreiro Ramos, por meio da qual se reedita a proximidade da FGV e da USC com o objetivo de ampliar a necessária capacidade de implementação de políticas públicas.

Interessante notar que, a despeito do esquecimento a que foi relegada sua obra aqui no Brasil, de modo geral permanece viva sua memória em iniciativas específicas. Um exemplo é o Prêmio Guerreiro Ramos, oferecido pelo Conselho Federal de Administração (CFA). Conforme Rui Otávio Bernardes de Andrade, do CFA, um dos participantes, este prêmio “é de grande valor para o profissional de Administração e da Administração Pública” e pode contribuir para essa profissão, que “ainda precisa amadurecer muito para que o país seja bem administrado”.

Também presente, Adilson de Almeida, que sugeriu a instituição do prêmio quando presidente do CFA, apontou em sua participação que, no curto período como parlamentar, foi Guerreiro Ramos o primeiro a propor a criação da profissão de administrador, levada a cabo posteriormente por um senador.

Eric Heikkila, Diretor de Iniciativas da USC, em sua intervenção, ao lembrar ser “um velho amigo” de Guerreiro Ramos, ressaltou que o mesmo vale para instituições, como USC e FGV, reconhecidas como *old friends*, o que para ele constituía uma grande honra. Para Eric, Guerreiro Ramos aprovaria o que estava sendo realizado naquele dia, e agradeceu por poder fazer parte do legado compartilhado.

A Sessão I abordou três das principais vertentes do pensamento de Alberto Guerreiro Ramos: a produção intelectual no Terceiro Mundo, a tese da redução sociológica, de sua autoria, e a racionalidade nas práticas organizacionais.

Para Guerreiro Ramos, os intelectuais devem construir referenciais próprios, que dialoguem com a produção estrangeira, e não apenas importar as ideias dos países mais desenvolvidos. Ramos identifica os obstáculos à produção de ciência para os que se debruçam sobre o trabalho intelectual na periferia, fora dos grandes centros: as condições de trabalho, os recursos, a dificuldade de acesso ao conhecimento acumulado e, principalmente, a colonialidade epistêmica que sempre imperou sobre os países latinoamericanos. Em grande parte, por essas razões, aponta como a geopolítica impacta no trabalho intelectual, trazendo também à luz temas como o manejo do idioma e o eurocentrismo.

Ramos pesquisa “o lugar social dos intelectuais”, como resalta Eduardo Mota, que relaciona a visão de Guerreiro Ramos ao estudo dos intelectuais – em Weber, em Mannheim –, ao surgimento da inteligência moderna – o intelectual como objeto de estudo – e ao pensamento de Bourdieu: a análise das posições objetivas só pode se dar por meio da compreensão das suas batalhas, disputas sociais e econômicas, sua história etc.

Sobre isso, Eduardo Mota, em sua intervenção, menciona também a “New Sociology”, a contextualização pragmática de textos intelectuais, a história intelectual, mais focada em textos e contextos, os intelectuais e a história, a imprensa e a história da Sociologia.

Para ele, foram pouco exploradas, na obra de Guerreiro Ramos, a dimensão geopolítica do trabalho intelectual, as diferentes condições do trabalho do intelectual, a desigualdade de recursos e oportunidades, a concentração das publicações, a hegemonia do inglês, entre outras ideias contidas na obra do pensador.

Eduardo Mota destaca três pontos relevantes em Guerreiro Ramos, e se observa sobre o intelectual do Terceiro Mundo: diálogo crítico, estilo de escrita e busca de autonomia intelectual.

- Diálogo crítico: demarcação do que é pensar em países periféricos (1953). Introduz a noção da divisão internacional do trabalho do intelectual, uma nova forma de consciência (1958), a tensão entre a produção global e as questões locais. O conceito de “controle social”, que nasce nos EUA, por exemplo, segundo Ramos, não se aplicava ao contexto brasileiro na época.
- Estilo da escrita: nos anos 1950 e 1960, Guerreiro Ramos produz um texto mais livre, sarcástico, com humor, escrevendo não apenas para os pares. Vale lembrar que por algum tempo Guerreiro Ramos também produzia uma coluna para a imprensa.
- Autonomia intelectual: Guerreiro representa uma ciência social original e relevante, sem temas fixos, não apenas limitadora, mas que lhe permitia “ver coisas diferentes”, tratava-se de uma autoconstrução.

---

### Uma Ciência para o Mundo

Guerreiro Ramos corrobora que o refinamento do conhecimento precisa ser mais empírico. Nos casos da Teoria da Dependência e da obra de Marx, por exemplo, propõe-se a repensar a relação entre os intelectuais e a vida pública. Para ele, a dinâmica social condiciona a politização da produção sociológica, que não deve ser naturalizada.

Guerreiro Ramos, ao longo de sua obra, travou embates com outros intelectuais e grupos. É conhecida sua disputa com intelectuais paulistas. Em particular, deve-se olhar para as divergências explícitas com Florestan Fernandes, cujas ideias acabaram prevalecendo. Simplificadamente, Guerreiro Ramos defendia “originalidade e combinação para produzir uma sociologia particular, singular”, enquanto Florestan apontava para o “modo universal de explicar o local, a partir de uma visão mais amadurecida vinda de fora”. Guerreiro Ramos apresentava os “fundamentos empíricos da redução sociológica”, com organicidade cultural, tessitura própria; enquanto Florestan Fernandes caminhava na desconstrução de fontes usadas por Ramos, como a obra de Marx. Guerreiro Ramos está no extremo, recuperando a filosofia e a ontologia, o empírico, a práxis. A verdade é que Guerreiro Ramos perdeu a disputa por suas posições. Conforme Eduardo Mota, “as ideias de Guerreiro Ramos foram derrotadas, suas críticas e propostas políticas não foram aceitas”.

Guerreiro Ramos posiciona sua “redução sociológica” entre o local e o cosmopolita. Suas proposições – o indivíduo-mundo, a análise das relações entre mundo e sociedade – têm sentido não apenas como uma crítica ao positivismo, mas objetivam aparelhar para contrapor ao que critica, viabilizar (propostas) em vez de exaltar os próprios estudos.

Mauricio Serva abordou o legado de Guerreiro Ramos para o estudo das racionalidades das organizacionais. Em sua intervenção, Serva expõe a oposição entre “razão substantiva” e “razão instrumental”, questão fundamental do livro *A nova ciência das organizações* de Guerreiro Ramos, e defende a aproximação entre as ideias ali contidas com a Teoria da Ação Comunicativa do filósofo alemão Jürgen Habermas. Relativamente à obra de Guerreiro Ramos, Serva a considera construída com um alto grau de abstração e com alcance de forte influência numa perspectiva crítica da Administração. Porém, segundo ele, até 1991, não havia ainda demonstração factual de algumas das ideias ali propostas, particularmente quanto à presença da razão substantiva na gestão das organizações. Foi a isso que Serva se propôs. Para tanto, ele buscou complementar as considerações de Guerreiro Ramos sobre a razão substantiva com as de Habermas sobre a ação comunicativa. Essa, em síntese, constituiu a primeira etapa de suas pesquisas. Atualmente, Serva

procura dar continuidade à essa linha de investigação com a busca por **novos desafios e novas fronteiras dos temas, como (a) Incorporar as emoções ao estudo da racionalidade, com destaque para os estudos da neurociência - “ciência dos sentimentos” (Antonio Damásio) e Sociologia das emoções; e (b) Aprofundar a dinâmica da ação no cotidiano das organizações - Phronesis – sabedoria prática.**

---

### Guerreiro Ramos e a questão racial

Marcos Chor Maio apresentou a palestra “O negro na sociologia de Guerreiro”. Chor lembrou uma frase do discurso de posse de Guerreiro Ramos, em janeiro de 1949, em que menciona ser “um homem pegado de mau jeito pela sorte, com a vida por organizar”. Ou seja, de certa maneira, foram os desafios da vida que levaram Guerreiro Ramos à construção de sua teoria. Fatos até certo ponto alheios à sua vontade, por exemplo, o fizeram deslocar-se da questão racial de planificação (individual) para a defesa da militância em movimentos coletivos de combate a essa questão. Ramos fala sobre racismo pela primeira vez em 1946. Em março daquele ano, mantinha uma coluna no jornal Diário Trabalhista, na qual discorria sobre aspectos relacionados ao tema do preconceito racial, na maioria das vezes com uma abordagem cultural.

Inicialmente, para Guerreiro Ramos, a alternativa para a superação do preconceito dar-se-ia por meio da ascensão social. Até então, ele rejeita a organização política como solução para qualquer questão racial: a solução é a promoção da ascensão social de todos. Sua opinião transforma-se quando de sua entrada no Teatro Experimental do Negro (TEN), inicialmente cercada de desconfiança. Posteriormente, ele vislumbrou ali o caminho da cultura, da valorização do homem de cor.

Alguns fatos ligados a esse aspecto de sua vida dão uma ideia da complexidade do problema, inclusive para ele mesmo.

- Afrânio Coutinho, amigo pessoal e com quem fundou, ainda nos anos 1930, em Salvador, a revista Norte, rompe silenciosamente com ele, aparentemente sobre algo que se referia ao “mulatismo”.
- Guerreiro Ramos casou-se com Clélia, mulher branca, filha de um advogado, jornalista e profissional do DASP. Casam-se após o pai dela, uma pessoa influente, ter falecido – ele seria contra o envolvimento de ambos.
- A Thales de Azevedo, em entrevistas sobre as elites de cor em Salvador, entrevistou Zilda Guerreiro Ramos (irmã), que comenta sobre o preconceito e afirma que sua família desaprovava a atuação do irmão em movimentos de luta das causas dos negros, e diminui a importância de sua participação no TEN: “ele não é integrante, dá aulas e estuda, apenas”.

Marcos Chor, citando Aroldo Costa, resume o pensamento de Guerreiro Ramos sobre a questão racial: “É preciso não carregar a pele como um fardo”.

---

### Local, Nacional e Universal

O tema da participação de Elio Chaves Flores foi “O conceito de ‘comunidade humana universal’ de Guerreiro Ramos”. Para ele, Guerreiro Ramos, mesmo que tido como nacionalista, cultivava ideias que não reafirmam essa posição. Exemplo disso é a adoção dos conceitos de “cultura histórica” e do “humano universal”, na busca de pontos comuns entre todos os seres humanos, a despeito de questões individuais e nacionais. Seu objetivo também era o de aprofundar o conhecimento sobre a gestão humana e o mundo do trabalho, sempre em busca do aperfeiçoamento das práticas organizacionais, das quais era crítico: “a indústria usurpa a humanidade”. Para Guerreiro Ramos, o homem não se esgota no pensar, há o sentir e o querer, imbricados na própria vida humana e nas relações sociais – o que indica que são aspectos a serem

considerados nos processos de gestão. O pensamento de Guerreiro Ramos, assim, incorpora questões mais gerais da vida – como os direitos humanos, justiça, vida boa – e defende uma espécie de comunidade realmente universal de intelectuais, cuja constituição era dependente de esforço político e intelectual “para vencer o etnocentrismo europeu” prevalecente nas ciências, ou seja, reunindo individualidade, senso de pertencimento e universalidade para pensar a pessoa humana em todas as suas dimensões.

Elio Chaves ressalta que, no fim da vida, Guerreiro Ramos dá muita importância ao conceito de vida humana associada, de associações humanas, em detrimento às associações articulada pelo e para o mercado. Essa observação indica a possibilidade de que Ramos, à frente do seu tempo, intuía o que hoje chamamos de Terceiro Setor. Chaves aponta ainda que um dos pontos cardinais da obra de Guerreiro Ramos, e síntese de suas aspirações por mudança, é a sua defesa de uma “cultura dos direitos humanos” para o Brasil.

---

### Guerreiro Ramos e a Educação

Jose Francisco Salm apresentou o tema “Pressupostos, fundamentos teóricos e legado do Curso de Mestrado em Planejamento Governamental” que foi elaborado e posto em operação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no início dos anos 1980, por Guerreiro Ramos e um conjunto de professores e alunos a ele associados. O palestrante expôs 26 dos 100 pressupostos teóricos que embasavam a concepção daquele curso, cujo objetivo central era “compor um centro de estudos alternativos ao modelo vigente de mercado e aos programas de pós-graduação *stricto sensu*”. Entre os pressupostos apresentados estão: a insuficiência da multidisciplinaridade nos moldes convencionais para o entendimento do mundo atual; a questão dos limites da biosfera, do tamanho das comunidades, da ausência de transdisciplinaridade nas ciências sociais; e, por fim, a visão de que o ser humano que despende sua vida seguindo as regras de mercado é um ser mecanomórfico, sem sentido próprio de vida.

Gaylord George Candler, professor da University of North Florida (UNF), participou da sessão com o tema “A assimilação crítica e a pesquisa na periferia”, abordando o monolinguismo – domínio dos idiomas dos países desenvolvidos na produção acadêmica – e o etnocentrismo.

Fernando López Parra apresentou a palestra “Alberto Guerreiro Ramos *en el pensamiento social Latinoamericano*”, abrindo sua participação com uma afirmação relevante: não se leem autores latino-americanos nas academias brasileiras. Também lamentou que poucas obras de Guerreiro Ramos foram traduzidas para o espanhol. Para ele, uma diferença na forma de se pensar ciência é colocar o ser humano como sujeito e não como objeto de pesquisa: a vida como elemento central. Esse pensamento permite recuperar a voz dos esquecidos, dos trabalhadores, a capacidade de se colocar de modo autêntico, inclusive com crítica à academia (projeto da sociedade e não do capital).

Em outra parte da exposição, afirma que Guerreiro Ramos nos convida a pensar com “cabeça própria”, cosmovisão local, levando em conta o cenário internacional, e que a cultura é um componente chave para as diferenças identitárias entre as sociedades. O entendimento desse pensamento exige a noção (e a percepção) dos limites e os conceitos de autorreflexão, autointerpretação e autonomia, que se relacionam justamente com os limites ao processo de produção da pesquisa.

## Guerreiro Ramos e a Vida Político-Partidária

Américo Oscar Guichard Freire abriu a Sessão IV com o tema “O social-trabalhismo do Deputado Federal Guerreiro Ramos”.

Em sua intervenção, o autor toma como objeto de análise a atuação político-parlamentar de Guerreiro Ramos como deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no curto período compreendido entre agosto de 1963 e abril de 1964. Américo Freire dividiu sua exposição em três partes.

Na primeira, apresenta um inventário de temas que estiveram presentes nos pronunciamentos do então deputado federal Guerreiro Ramos. Dois foram os objetivos desse inventário: verificar as questões que mobilizavam Guerreiro naquela conjuntura marcada pela radicalização política e acompanhar a maneira pela qual lidou com a polarização política que teve como desfecho o golpe civil-militar de 1964.

Na segunda parte da exposição, o autor examina a atuação de Guerreiro como ideólogo do Partido Trabalhista Brasileiro. Para Guerreiro, o PTB deveria se constituir em autêntica força de “libertação nacional”, devendo pautar sua atuação em torno do tema “trabalhismo e eficiência”.

Por fim, Américo Freire propõe alguns elementos de reflexão acerca do legado político-intelectual de Guerreiro Ramos.

Ariston Azevedo foi o último palestrante do dia, com o tema “Alberto Guerreiro Ramos, deputado guanabarenses”. Suas afirmações reforçam o lado incompreendido do pesquisador brasileiro, que sempre recebeu críticas de outros intelectuais e políticos adversários, por vezes da direita; por outras, da esquerda. Um aspecto relevante, e que já havia aparecido em outras apresentações, é que Guerreiro Ramos não escrevia apenas para a Academia, mas também para o público, como a coluna que mantinha no jornal *Última Hora*, com Inácio Rangel, sob o título “Do ponto de vista nacional”. Segundo Azevedo, foi por estar extremamente convencido da necessidade de uma sociologia nacional que Guerreiro Ramos dedicou-se à elaboração de um arcabouço sociológico que fosse adequado à tarefa de teorização da realidade brasileira e o fez tanto por intermédio de instituições, entre elas o TEN, o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), quanto solitariamente em sua biblioteca. Após desentendimentos pessoais com outros integrantes do ISEB, em 1958, Guerreiro Ramos desligou-se deste instituto e decidiu enveredar pelas trincheiras da política partidária, conseguindo chegar à Câmara de Deputados Federais em agosto de 1963, na condição de suplente, representando o Estado da Guanabara.

O seu foi um mandato curto e de muita alternância. Nesse sentido, Azevedo lembra que o Prof. Luis Alberto dos Santos lhe informou que Guerreiro Ramos assumiu, como Suplente, o mandato de Deputado Federal na legislatura 1963-1967, na vaga do Dep. Rubens Berardo, de 21 de agosto de 1963 a 9 de março de 1964; reassumiu como suplente do Dep. Jamil Amiden, em 19 de março de 1964, e como suplente do Dep. Benjamim Farah, em 31 de março de 1964. Também foi efetivado na vaga do Dep. Benedito Cerqueira, em 11 de abril de 1964. Neste mesmo mês teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº 1 (AI1), Ato Complementar nº 4, de 13 de abril de 1964. Das setenta e uma vezes que subiu na tribuna, abordou um conjunto variado de temas. A redução sociológica foi a obra que, de modo constante, explícita ou subliminarmente, esteve presente em quase todos os seus pronunciamentos na Câmara de Deputados. Todas as temáticas ali abordadas o foram sob a perspectiva redutora; todas as ações ali encaminhadas, o foram à luz da redução.